

(RE)CONFIGURAÇÕES DE UMA RURALIDADE POR MEIO DAS TICs: um estudo a partir das mediações de Martín- Barbero (I)

**(RE)CONFIGURATIONS OF A RURALITY THROUGH ICTS: A STUDY FROM
MARTÍN-BARBERO**

|| *Ângela Cristina Trevisan Felippi*

|| *Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil*

|| *angelafe@unisc.br*

|| *Ana Carolina D. Escosteguy*

|| *Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

|| *carolad2017@gmail.com*

Resumo

Apresenta-se uma pesquisa para a qual se desenvolveu um protocolo analítico que articula dois mapas das mediações, a partir da teoria de Jesús Martín-Barbero, estabelecendo-se uma possibilidade para estudos da dimensão espaço-temporal dos processos comunicacionais.

Palavras-Chave: Tecnologia da Informação e Comunicação; Teoria das Mediações; Ruralidade.

Abstract

A research is presented for which an analytical protocol was developed that articulates two maps of the mediations, based on the work of Jesús Martín-Barbero, establishing a possibility for studies of the spatiotemporal dimension of communicational processes.

Keywords: Information and communication technology; Mediation Theory; Rurality.

Recibido: 08/11/2019 Aceptado: 12/12/2019

Introdução

O propósito é recuperar os resultados de pesquisa recém-concluída e sistematizá-los sob orientação do protocolo analítico desenvolvido desde a teoria das mediações, de Jesús Martín-Barbero (2003, 2018). O protocolo pretendeu uma articulação entre dois dos mapas do autor, fazendo um

uso parcial dos mesmos. Concordamos com Lopes (2014, p. 75) quando afirma que a implementação da proposta barberiana na pesquisa empírica depende da estratégia metodológica que se adote: “de modo que a escolha pode recair em determinadas mediações, e não em outras, dependendo do destaque que ganham na abordagem analítica”.

Portanto, extraímos do *Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura* as seguintes chaves teórico-analíticas: a *institucionalidade*, a *socialidade*, a *tecnicidade* e a *ritualidade* (MARTÍN-BARBERO, 2003); e do *Mapa das Mutações Comunicativas e Culturais*: a *espacialidade*, a *temporalidade* e a *movibilidade* (MARTÍN-BARBERO, 2009). Enfim, tomou-se como eixo fundamental de análise a dimensão espaço-temporal dos processos sociais, afetada pela onipresença contemporânea das tecnologias de informação e comunicação, para o que também nos ancoramos em David Harvey (2015) e Milton Santos (1996). *Temporalidade*, *espacialidade* e *tecnicidade* são as chaves analíticas e, portanto, as mediações centrais da realidade estudada orientada pelos propósitos da pesquisa: compreender as interações cotidianas de sujeitos de famílias relacionados à agricultura com as tecnologias de comunicação, num certo espaço rural do Sul do Brasil. Às três mediações principais, foram associadas as demais: *movibilidade*, *ritualidade*, *socialidade* e *institucionalidade*.

A pesquisa se desenvolveu entre 2014 a 2018, na Microrregião de Santa Cruz do Sul (2), sul do Brasil. Foi realizada por meio de uma rede interinstitucional e interdisciplinar de pesquisadoras/es pertencentes a dois grupos de pesquisa, Estudos e Projetos em Comunicação e Estudos Culturais (Universidade Federal de Santa Maria) e Desenvolvimento Regional e Processos Socioculturais (Universidade de Santa Cruz do Sul), Brasil (3), e à duas áreas do conhecimento, a Comunicação Social e o Desenvolvimento Regional, respectivamente associados às universidades mencionadas.

A investigação levou em consideração o compromisso social da pesquisa acadêmica, detendo-se em fazer uma abordagem cultural das tecnologias de comunicação no espaço rural, perspectiva pouco tratada nas áreas de Comunicação e de Desenvolvimento Regional. O compromisso esteve ainda na escolha do grupo social: os sujeitos da agricultura familiar (4). Embora numericamente predominantes no rural brasileiro, os agricultores/as familiares são marcados por movimentos contraditórios e simultâneos de inclusão e exclusão, tanto das TICs, como das políticas públicas e serviços à cargo do Estado e do mercado. A pesquisa ainda buscou um comprometimento com a região onde se localiza uma das universidades promotoras da pesquisa, a UNISC, e nela com as famílias de agricultores/as relacionados à cadeia agroindustrial do tabaco, hegemônica na região de Santa Cruz do Sul (RS/Brasil).

Deste modo, o tripé espaço-tempo-técnica foram centrais em nossa investigação, ponto de partida e de chegada. Compreendemos espaço a partir de Santos (1996, p. 81), como um sistema de objetos e sistema de ações, pensado na relação com o tempo, subproduto da “acumulação desigual do tempo”. O espaço como sendo resultado da espacialidade dos sujeitos, sempre em construção, nunca dado a priori. E a técnica/tecnologia, da mesma forma, vista aqui como produto da ação dos sujeitos, “revestida” de aspectos sociais e culturais tanto na sua criação, como nos usos; não como um ente autônomo, independente da ação humana (QUIROZ; VÉLEZ, 2014).

As mediações, nesta perspectiva, permitiram compreender uma certa (re)configuração da espacialidade, ou, no caso do rural, da *ruralidade* construída na ação particular do grupo social estudado com o espaço rural, fruto de arranjos próprios articulados a ordenamentos externos, tendo as TICs como elementos de conformação dessa ruralidade. Importante pontuar que mediações “referem-se mais ao traçado que conecta em rede os pontos e linhas dispersos, diferentes e distantes que tecem um mapa para uma realidade que é verificada ou para um conceito que é mantido e gerenciado”. (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 22).

Feita esta introdução, o que segue está organizado de modo a primeiramente problematizarmos os procedimentos metodológicos, construídos na observação das particularidades do território estudado, que justificam as escolhas de pesquisa. Na sequência, caracterizamos o território, a região de Santa Cruz do Sul/Brasil e a localidade onde foi realizado o campo da pesquisa, o município de Vale do Sol, apresentando-o, com ênfase nos sujeitos selecionados e na presença e uso das tecnologias de comunicação nesse espaço. Por fim, esboçamos o protocolo desenvolvido pela investigação, assenta-

do teoricamente nos estudos culturais e na teoria das mediações, e que busca ancoragem em teorias sobre o espaço, articulando espaço-tempo-técnica a outras mediações que atravessam a realidade estudada. O protocolo, denominado por nós de *Mapa de chaves teórico-analíticas para um estudo socioantropológico de TICs - Desdobramentos das mediações em uma ruralidade do Sul*, apresenta-se neste texto como uma contribuição da pesquisa para futuros estudos.

Prática metodológica e epistemológica

A discussão metodológica foi cara à esta pesquisa, uma vez que teve a reflexividade como permanente desafio do processo de investigação (NEVES; NOGUEIRA, 2005). Essa prática tem implicações no (re)pensar as estratégias metodológicas e, conseqüentemente, na sua avaliação continuada, permitindo corrigir rumos e adequar à realidade estudada. Importante, também, assinalar que a pesquisa se situou numa abordagem cultural da comunicação, privilegiando um enfoque dos estudos culturais, numa versão que dá preferência à materialidade social da cultura e à sua dimensão simbólico-política (ESCOSTEGUY et al, 2019, p. 11).

Mais especificamente, encontramos subsídios na investigação de Silverstone et al (1996) para compreender as complexas relações dos sujeitos com as tecnologias quando estas estão presentes no lar ou como os sujeitos se apropriam dos objetos, das tecnologias e, por sua vez, lhes atribuem significados. Analiticamente, o autor divide em quatro aspectos/momentos a presença das tecnologias de comunicação no contexto familiar. Eles seriam: *objetivação, apropriação, incorporação e conversão* (5). Combinamos os três primeiros aspectos com as mediações citadas, deslocando os tradicionais locais das perguntas e olhando para as mediações do processo comunicativo (LOPES, 2018).

Desde a proposta original definimos que seria uma pesquisa de caráter socioantropológico com agricultores/as e suas famílias, tendo como recorte famílias da cadeia do tabaco da região de Santa Cruz do Sul. As famílias deveriam ser escolhidas por terem ao menos duas gerações no lar. Além de relacionados à cadeia do tabaco, os/as agricultores/as acumulavam a condição de terem pertencimento à agricultura familiar, e, obviamente, terem no lar a presença de tecnologias de comunicação.

Ao longo da duração da pesquisa, a dinâmica geral de trabalho da equipe de pesquisadores foi composta de reuniões quinzenais dos grupos de pesquisa de cada universidade envolvida, em separado, e encontros esporádicos entre os dois grupos para discussão das propostas teórica e metodológica durante os anos da pesquisa. As incursões a campo ocorreram nos anos de 2014, 2015 e 2017, feita pelo conjunto dos pesquisadores, em sete famílias de um município da região, selecionado para o campo, chamado Vale do Sol, definido a partir da possibilidade de acesso às famílias rurais.

A chegada às duas primeiras famílias se deu por intermédio de uma organização não governamental que atua com foco na Agroecologia. Na sequência, as famílias iniciais foram indicando as demais, sendo que o grupo investigado foi composto por sete famílias. Os pesquisadores avaliaram que esse número de famílias e de sujeitos, 35 no total, seria suficiente para compreender a realidade em estudo, levando em consideração a dinâmica necessária para efetivar uma pesquisa socioantropológica, assim como os limites de tempo e recursos financeiros da pesquisa.

Ao longo da pesquisa fomos elaborando um protocolo de investigação que se valeu de uma série de técnicas de coleta de dados, entre as quais a pesquisa bibliográfica. Na pesquisa empírica, nos utilizamos de uma entrevista aberta e coletiva com o conjunto dos integrantes de cada família, com questões gerais servindo como guia, aplicada na primeira visita à casa. Nessa mesma visita, foi aplicado um formulário sociocultural individual, com questões relacionadas a dados de identificação dos integrantes da família, de consumo de bens em geral, da posse de TICs, da produção agrícola e das características da propriedade rural. Após a primeira visita, os pesquisadores realizaram relatos de campo individuais, com suas percepções sobre a visita, a família, a casa e a propriedade visitada. Na segunda visita à cada família, foi realizada uma entrevista semiestruturada com cada integrante para conhecer suas práticas com as TICs e suas trajetórias de vida. Nas duas visitas foram feitos registros fotográficos dos sujeitos, da casa e do espaço externo. As imagens foram utilizadas para

análise da disposição das TICs na casa e a sua relação com o uso por parte dos sujeitos. Estas duas primeiras visitas aconteceram em 2014 e 2015. Já a terceira visita a cada família estudada foi realizada em 2017, quando foi entregue a cada família um álbum fotográfico com imagens coletadas a campo e realizada uma entrevista informal, por meio da qual procuramos atualizar alguns dados sobre as TICs e as famílias, colhidos nas idas anteriores. O momento foi considerado como a devolução dos dados da pesquisa aos sujeitos participantes. Um outro momento de devolução ocorreu em 2019, quando foi publicado o livro com resultados da pesquisa, *As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais: (Re)configurações de uma ruralidade* (ESCOSTEGUY et al, 2019), tendo um exemplar enviado a cada família (6).

Região de Santa Cruz do Sul: particularidades de uma ruralidade

Sobretudo pela tradição do campo de Desenvolvimento Regional no Brasil, a compreensão do espaço foi problematizada na pesquisa. O espaço estudado, o recorte correspondente à região de Santa Cruz do Sul, traz ao centro de nosso interesse um território com características particulares, de forte presença da colonização germânica e grande densidade demográfica na área rural. Além disso, o rural é composto majoritariamente pela pequena propriedade agrícola e pela agricultura familiar, com a economia de base agroindustrial e centrada na cadeia do tabaco.

A região de Santa Cruz do Sul tem uma população de 334.424 habitantes (IBGE, 2010), com concentração populacional em dois grandes municípios, Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires (somados, com 200.544 habitantes). No entanto, há seis dos 16 municípios que a compõe com uma população rural acima dos 85%. O índice está bem acima da média brasileira, que é de 15,64% (IBGE, 2010). A área rural dos municípios totaliza 34.160 propriedades rurais, com uma média de 21,4 hectares cada (GUIA SOCIOECONÔMICO, 2018).

O município estudado, Vale do Sol, é um dos com maior índice de população rural na região. Tem 88,72% dos 11.077 habitantes morando no campo (IBGE-CIDADES, 2019). Uma população quase igualmente dividida entre homens e mulheres, que se declara católica ou luterana – o que está relacionado à origem étnica majoritariamente germânica – e se reconhece como branca em sua quase totalidade (IBGE-CIDADES, 2019).

Na região, a pequena propriedade com cultivo de tabaco é a extensão rural da cadeia agroindustrial desse produto, marcada pela verticalidade, uma vez que o setor é controlado por transnacionais que operam e têm sede nacional na região. Em três cidades centrais da região, beneficia-se a folha do tabaco e se industrializa parte do cigarro produzido do Brasil, destinado, majoritariamente, à exportação. Aproximadamente 150 mil famílias de agricultores/as estão relacionadas à cadeia do tabaco (ANUÁRIO [...], 2018) em todo Sul do Brasil, o que se dá por meio do sistema de integração (7).

Na região, esse cultivo se confunde com a própria colonização germânica do Sul do Brasil no século XIX, portanto, faz parte da tradição das famílias rurais mesmo antes do mercado ser controlado pelas transnacionais. Há um saber-fazer passado de geração para geração, calcado no trabalho coletivo familiar, do qual se valem as transnacionais, e que é um forte componente da identidade regional. Conforme apontado em trabalhos anteriores, a herança dos colonizadores está presente nas práticas socioespaciais (ESCOSTEGUY et al, 2019).

A região opera numa dicotomia entre as políticas mundiais de controle do consumo do cigarro e as estratégias de incentivo à instalação de novos parques produtivos, conforme aponta Silveira et al (2011). Portanto, um território que “pode ser provisório e incompleto”, se mostra como “a conjunção do espaço comum abstrato construído por grupos e de um espaço físico, quando este último contribui para a elaboração do recurso que fundamenta o ‘interno’ em relação ao ‘externo’” (PECQUEUR, 2009, p. 79).

O rural, nesta região, tem uma dinâmica que expressa o tempo, com riqueza de práticas tradicionais associadas à novas formas de organização da vida, perceptíveis nas práticas cotidianas dos sujei-

tos, no trabalho e no convívio familiar e social. Em Vale do Sol, onde ocorreu o campo da pesquisa, as famílias pesquisadas mantêm conversas no dialeto germânico falado pelos antepassados, sendo que alguns idosos não dominam a língua portuguesa e estão entre a quarta e a sexta geração nascida no Brasil. O arranjo da casa, do galpão da propriedade rural, os salões comunitários, as relações com os familiares e vizinhança e mesmo a relação com as tecnologias de comunicação demonstram particularidades construídas naquele espaço, que vão configurando uma ruralidade própria, que dialoga com o que lhe é externo. A intensificação da mobilidade dos sujeitos em relação a um passado não tão distante e o trânsito de agentes do Estado e do mercado (técnicos das empresas de insumos agrícolas e das empresas de tabaco) garantem a relação com o externo. A mobilidade é tanto virtual, por meio das tecnologias de comunicação, como física, com mais e melhores meios de transporte e infraestrutura rodoviária com relação ao passado. Os sujeitos da pesquisa, especialmente, os jovens, transitam por vezes diariamente para fins de estudo e trabalho nas cidades da microrregião.

Assim, esse rural tem apresentado novas dinâmicas internas nas últimas décadas, incorporando fenômenos como a pluriatividade e oferta de novos serviços – entre os quais pesque-pague, campings, restaurantes, pousadas, reservas, ecovilas, parques e outros – e recebendo população urbana que transfere sua residência para o rural ou mantém sítios de lazer e, ainda, ofertando serviços antes presentes na cidade.

Destarte, como aponta Harvey (1989, p. 187), “[...] cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos de tempo e de espaço”. No caso da Microrregião de Santa Cruz do Sul, uma ruralidade própria vem se constituindo, na qual as tecnologias de comunicação são um componente importante.

A presença de tecnologias de comunicação na região data da colonização germânica do século XIX, com os jornais alemães que chegavam para os imigrantes ou descendentes. Mas se intensifica com a formação das indústrias culturais brasileiras, ao longo do século XX, especialmente na segunda metade, o que coincide com a modernização do campo. Geralmente com defasagem de tempo em relação à presença dessas tecnologias nos espaços urbanos, rádio, jornal, televisão e, contemporaneamente, computador, celular e internet ocupam um lugar, não sem defasagens, nos lares das famílias rurais.

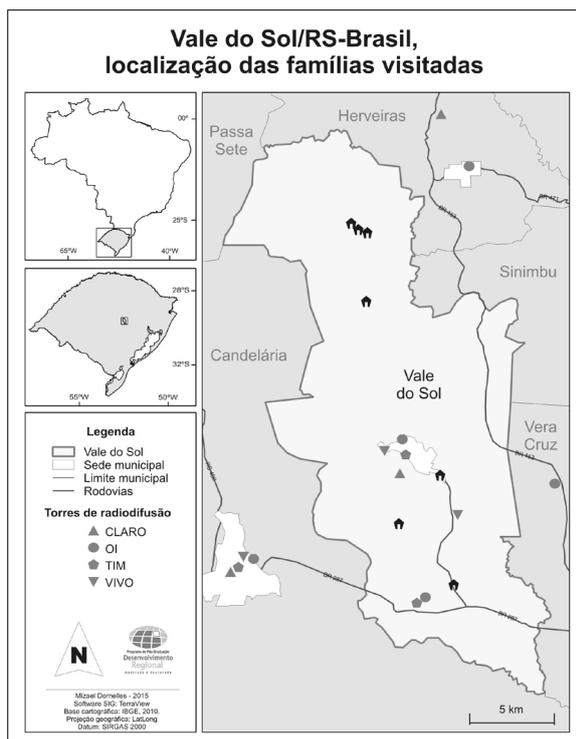
Há dificuldades em levantar números precisos sobre a presença das TICs no espaço rural das regiões brasileiras. Assim tomam-se alguns índices nacionais da realidade rural como sinalizadores da realidade particular das regiões. Conforme a CETIC (2018), a televisão está presente em 93% dos lares da área rural brasileira e em 96% dos lares urbanos. O rádio está em 64% das residências rurais, e em 62% das urbanas. A exceção do rádio, todas os equipamentos de comunicação e informação apresentam dados de presença inferiores no rural com relação ao urbano, porém há um crescimento da presença dos equipamentos no rural, especialmente na última década (8). Com relação à nova mídia – internet, celular e computador – a CETIC destaca que, em 2018, 85% dos domicílios rurais tinham celular, índice abaixo ao encontrado no meio urbano, que era de 94%. O computador de mesa estava em 7% dos lares rurais; o computador móvel, em 11%; e o tablet, em 7%. Dos 126,9 milhões de brasileiros que acessaram a rede (acesso nos três meses anteriores à realização da pesquisa), cerca de 49 milhões são da área rural.

No Brasil, tomando os dados homogêneos na relação campo-cidade, percebe-se a desigualdade na posse e acesso às tecnologias de comunicação, porém o componente de renda é outro que merece atenção. No corte por classe social, a pesquisa da CETIC apontou que mais de 90% dos integrantes das classes A e B têm acesso à rede; 76% da classe C têm acesso e somente 48% da classe D/E possuem internet. O dado nos interessa porque as famílias da nossa pesquisa podem ser situadas, pelo seu comportamento de consumo, como de classe média, o que os aproximaria das classes C e D/E. Do mesmo modo, outros dois aspectos relacionados à renda e área de moradia, pesquisados pela CETIC são relevantes para o caso estudado: o de que 77% dos usuários de internet da área rural brasileira acessam à rede exclusivamente pelo celular; e o que indica que 61% dos usuários da classe C e 81% da D/E têm internet somente por celular. (Cetic, 2018).

No caso do município onde foi realizada a pesquisa de campo, Vale do Sol, a posse e o uso das

tecnologias de informação e comunicação tradicionais – rádio, televisão, revista, jornal e livro - fazem parte da realidade rural há décadas. Mais recentemente, dos anos 90 para cá, houve a criação de mídias próprias com a emancipação político-administrativa do município, que antes era uma localidade pertencente a um município vizinho. Jornal e rádio local foram criados, embora a mídia regional continuasse sendo acessada pelos moradores. Mas o fenômeno comunicacional mais recente é a presença da nova mídia – computador, celular e internet – que começa a se tornar realidade na década de 2010 em Vale do Sol.

Figura 1 – Mapa famílias pesquisadas de Vale do Sol e cobertura de telefonia celular



Fonte: Elaborado por Mizael Dornelles.

As sete famílias visitadas em Vale do Sol compuseram uma rede espacial que percorreu de norte a sul a área rural do município, como disposto na Figura 1 (residências simbolizadas pelas casinhas no mapa). A espacialização distinta dessas famílias na área do município possibilitou compreender uma série de aspectos relacionados à presença e usos das TICs. Entre os quais, a maior ou menor proximidade da área urbana de Vale do Sol, onde ficam a maioria das antenas das operadoras de celular, onde o jornal é produzido e de onde é distribuído, também, onde fica a rádio comunitária existente. À maior ou menor proximidade com a sede municipal, cujas propriedades mais distantes ficam a no máximo 20 quilômetros, se soma a distância das propriedades às principais estradas e rodovias que cortam o município e que levam aos centros urbanos, que dão indicativos da mobilidade das famílias.

Ao investigarmos a relação entre sujeitos e tecnologias de comunicação num dado contexto, conforme já sinalizado, seguimos a categorização de Silverstone et al (1996) que sugere quatro âmbitos para compreendermos essa relação, dos quais tomamos três: *objetivação*, *apropriação* e *incorporação*. O Quadro 1 aponta para o que constatamos relacionado às duas primeiras categorias, a objetivação, que diz respeito à presença e espacialização das mídias no lar, e apropriação, que dá conta da aquisição das tecnologias e o que a este ato está relacionado. Os dados levantados à campo, renderam uma riqueza de informações analisadas, nos permitindo ter um olhar caleidoscópico, como aponta-

do em publicação anterior (ESCOSTEGUY et al, 2019), viabilizado pelo protocolo desenvolvido, que será explorado na sequência. O volume e a consistência das informações não nos permitem, aqui, apresentar a integralidade dos resultados, inclusive porque nosso foco está em dar visibilidade ao protocolo metodológico elaborado.

Quadro 1 – Síntese da apropriação das TICs nos lares investigados (9)

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados em campo.

F a - mília	Membros	Acesso às TICs
A	A. (47 anos); M. (42 anos); Em. (20 anos); D. (22 anos)	Lar tem TV, jornal, rádio, notebook, sem acesso à internet. Telefone fixo e telefone móvel (individual, sem sinal no lar).
C	J. (78 anos); Se. (75 anos); V. (50 anos); So. (40 anos); Ma. (19 anos); Mo. (15 anos); Mar. (4 anos)	Lar tem TV, rádio, jornal, computador, notebook, com acesso à internet. Tem acesso a livros pela escola. Telefone fixo e telefone móvel (individual, com sinal no lar).
K	R. (39 anos); E. (37 anos); Ri. (20 anos); A. (11 anos)	Lar tem TV, <i>SmarTV</i> , jornal, revista, rádio, computador, notebook, tablet, com acesso à internet. Telefone fixo e telefone móvel (individual, sem sinal no lar).
P	Am. (89 anos); Si. (47 anos); Ad. (45 anos); J. (18 anos); P. (25 anos); An. (23 anos)	Lar tem TV, rádio, jornal, computador, sem acesso à internet. Telefone fixo e telefone móvel (individual, sem sinal no lar).
S	Ni. (64 anos); E. (39 anos); R. (34 anos); Na (6 anos)	Lar tem TV e parabólica, rádio, DVD, jornal e revista infantil, sem acesso à internet. Telefone móvel (individual, com sinal no lar). Um celular com internet.
V	D. (30 anos); C. (30 anos); P. (8 anos)	Lar tem TV (tela plana 29’), rádio, jornal, DVD, computador, com acesso à internet via rádio. Telefone fixo e telefone móvel (sem sinal no lar).
Z	E. (67 anos); Li. (67 anos); C. (43 anos); Le. (40 anos); H. (19 anos); Ed. (14 anos); El. (8 anos); A. K (79 anos)	Lar tem TV, rádio, jornal, computador, com acesso à internet via rádio. Tem acesso a livros pela escola Telefone fixo e telefone móvel (individual, com sinal no lar). Um celular com internet.

Constatamos que as famílias foram adquirindo ao longo do tempo seus equipamentos de mídia e os acomodando no lar obedecendo a uma espacialização que é, em parte, comum aos lares brasileiros das classes média e popular (TV na sala de estar, rádio na cozinha etc), e em parte um arranjo deste grupo social (rádio no trator, rádio no galpão, celular guardado nos cômodos da casa). Essa objetivação, a disposição das TICs na casa, denuncia os acordos de uso que a família faz e demonstra um assento no tempo: cada nova tecnologia que chega reorganiza o uso das demais. O que demonstra, ao menos nesta realidade, que não ocorreu a superação de uma mídia por outra, mas usos alternados e consorciados da mídia tradicional com a nova mídia.

Figura 2: Disposição das TICs no lar.

Fonte: Fotos de João Vicente Ribas.



Assim como a disposição das tecnologias de comunicação no lar, os motivos e formas pelas quais se deu a aquisição desses equipamentos aponta para práticas de consumo e significação particulares do grupo social relacionado à agricultura familiar, mas em parte comuns às classes populares, na qual entendemos que esses sujeitos se situam. Percebeu-se uma forte mediação da institucionalidade na decisão sobre adquirir especialmente a nova mídia, a que pudemos vivenciar a chegada nestes lares. A escola (portanto, o Estado) levou à localidade a associação entre a posse do computador e da internet com maiores possibilidades de aprendizado e desempenho profissional para os jovens. Portanto, essas duas tecnologias representam acesso ao conhecimento aos filhos. Aos adultos, estão mais relacionadas com mobilidade e sociabilidade, viabilizada pela possibilidade de se comunicarem mais com o entorno próximo ou distante. As mídias tradicionais tiveram sua aquisição em outros momentos das famílias, sendo relacionadas nos relatos ao entretenimento e à informação, acessados no tempo livre de trabalho e como prática de lazer. Cabe o destaque que embora o rural da região seja denso de população, os sujeitos apontam a diminuição do tamanho das famílias, assim como das ofertas de lazer.

Portanto, os modos de uso – a incorporação - são regulados pela família, numa associação ao que é proposto pela tecnologia e mídias; apresentam ritualidades que sugerem hierarquias familiares, indicam as rotinas dos sujeitos e a forma como organizam seu cotidiano. A prática da audiência coletiva é uma realidade nos lares estudados. Assistir à televisão e ouvir o rádio em família é um ritual de sociabilidade do grupo. Por outro lado, há os espaços de individualidade, também preenchidos pelas tecnologias, como celular, o computador ou mesmo por vezes o rádio e a televisão, no caso de situações em que mulheres que ficam sozinhas no lar realizando o trabalho doméstico durante parte do dia. Vale o destaque para o corte geracional, demonstrando que os jovens investigados têm a preferência, em sua maioria, pela nova mídia, com destaque ao celular, destacado pela mobilidade e individualidade que permite.

Figura 3: Jovens e sua mídia favorita.

Fonte: Fotos de João Vicente Ribas.



É importante pontuar que mesmo com o avanço nas TICs neste espaço rural, a aquisição e a incorporação pelos sujeitos são limitadas pelos movimentos de exclusão, como por exemplo, o fato de os celulares não terem sinal em boa parte do rural da região. Ou da televisão aberta ser a opção, uma vez que a TV paga por cabo não existe no rural brasileiro, a TV por satélite ter um custo pouco acessível a essas famílias (muito embora algumas a tivessem). Da mesma forma o jornal impresso local, cuja distribuição não chega a alguns lares do campo de Vale do Sol, ou o custo da assinatura limita o acesso.

Na seção que segue, as constatações apontadas pelo empírico articuladas no protocolo de análise elaborado nesta pesquisa são apresentadas.

Protocolo de análise

A natureza interdisciplinar da investigação exigiu deslocamentos teórico-metodológicos do grupo de investigadores de cada uma das duas áreas envolvidas na pesquisa – a Comunicação Social e o Desenvolvimento Regional. Os deslocamentos se relacionavam à necessidade de uma mirada ampla, que permitisse a compreensão de uma realidade que não é compartimentada. Os estudos culturais, assim como as teorias sobre o espaço-tempo, essas a partir do campo da Geografia, foram passíveis de aproximações entre si, inclusive porque ambas são permeáveis ao cruzamento de olhares para além de seu campo. Nesta direção, os protocolos desenvolvidos por Jesús Martín-Barbero, conhecidos como seus mapas noturnos, as interfaces visuais da teoria das mediações, mostraram-se possíveis para organizar a análise na direção de compreender o “entorno tecnocomunicativo”, sugerido pelo próprio Martín-Barbero.

Nosso protocolo, como mencionado, resulta do cotejamento de dois “mapas noturnos”, o *Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura* (MARTÍN-BARBERO, 2003) (Figura 4), o primeiro elaborado pelo autor em que a visão processual do processo comunicativo, especialmente o empreendido pelas indústrias culturais, é explicitada. Deste mapa, extraímos tanto a visão processual e multidimensional da realidade, como quatro das mediações postas em nosso protocolo: *institucionalidade, tecnicidade, socialidade e ritualidade*.

Figura 4: Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura

Fonte: Martín-Barbero (2003).



O outro “*mapa noturno*” - *das Mutações Comunicativas e Culturais* (MARTÍN-BARBERO, 2009) ou “O mapa de trabalho atual” é, segundo o autor, o que enlaça os anteriores, com o estudo das “mutações culturais contemporâneas” (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 22). Deste mapa (Figura 5), Martín-Barbero nos empresta as mediações temporalidade, espacialidade e mobilidade. E, nele, põe em destaque a mediação da tecnicidade, que agora compõe um “entorno tecnocomunicativo” do social, ao que acatamos e observamos no universo empírico estudado.

Figura 5: Mapa das Mutações Comunicativas e Culturais

Fonte: Revista Fapesp (2009)



O mapa “atual” de Martín-Barbero põe ao centro da sociedade contemporânea a tecnologia sem desconsiderar o protagonismo dos sujeitos, a partir dos usos e incorporações que fazem, em diálogo e tensão ao proposto pelas estruturas. As mediações são aqui “as transformações do tempo e transformações do espaço a partir de dois grandes eixos, ou seja, migrações e fluxos de imagens” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 14). Esses deslocamentos físicos e virtuais estão no contexto da compressão do tempo-espaço, relacionados a novas e velhas ritualidades e sociabilidades, em pro-

cessos cognitivos que incidem nas identidades individuais e coletivas.

A realidade que buscamos entender, da região de Santa Cruz do Sul, tomada especialmente pelo grupo social da agricultura familiar por meio dos sujeitos selecionados de Vale do Sol, nos levou a compor um outro traçado, com as pistas fornecidas por estes dois “mapas noturnos” (Figura 6). O que se desenhou no *Mapa de Chaves Teórico-Analíticas para um Estudo Socioantropológico das TICs*.

Figura 6 - Mapa de Chaves Teórico-Analíticas para um Estudo

Socioantropológico de TICs

Fonte: Escosteguy, 2019, p. 29.



Esse mapa “híbrido” foi sendo desenhado à medida em que enfrentávamos os dados levantados à campo, no confronto com a teoria apropriada anteriormente e no processo de pesquisa, num movimento de permanente reflexividade, como já apontado.

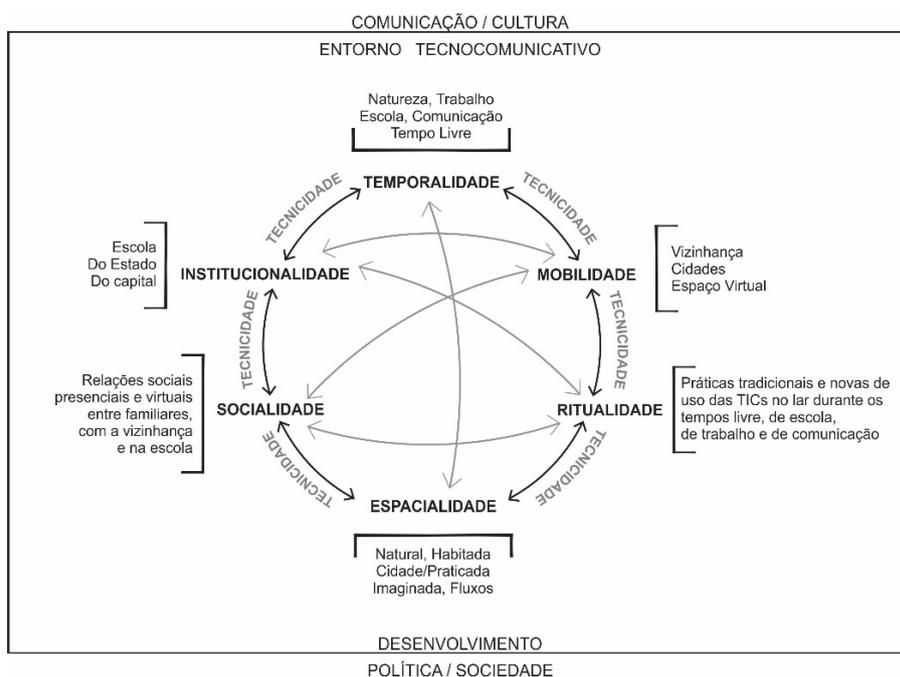
Portanto, no intuito de compreendermos as interações cotidianas dos sujeitos com as tecnologias de comunicação no rural escolhido para a pesquisa, percebemos as camadas do tempo sobrepostas num espaço que é também múltiplo. Com as categorias de tempo e espaço discutidas por Martín-Barbero em seu “mapa atual”, identificamos que os sujeitos organizam suas vidas mediados pelos tempos da natureza, do trabalho, da comunicação e tempo livre. Essa temporalidade está em relação com a espacialidade: a construção dos espaços natural, habitado, da cidade/praticado, imaginado e dos fluxos. A articulação dessas duas dimensões com a tecnologia gera uma conformação própria daquele rural, ainda articulada com os modos de sociabilidade tradicionais e novos (inclusive os virtuais) ensaiados em rituais que tensionam os diferentes tempos existentes. A mobilidade foi uma mediação que também se mostrou relevante, na medida em que os deslocamentos físicos e virtuais têm se intensificado nos últimos anos, conforme o relato dos sujeitos, propiciando outra experiência

de tempo e com os diferentes espaços, internos e externos ao lugar. Na relação com as TICs, a institucionalidade, por sua vez, aparece presente especialmente por meio de três agentes - escola, Estado e capital - definidores na incorporação e apropriação das tecnologias da comunicação.

Destarte, ao enfrentarmos os dados do empírico, complementamos o mapa que orientou o olhar (Figura 7), com os *Desdobramentos das mediações em uma ruralidade do Sul*.

Figura 7 – Mapa de chaves teórico-analíticas para um estudo socioantropológico de TICs
Desdobramentos das mediações em uma ruralidade do Sul

Fonte: Felippi, 2019, p. 187.



A conformação própria de que falamos pode ser pensada nos termos de uma ruralidade própria do lugar, que “[...] remete à pluralidade de movimentos, de origem externa ou interna, que dinamizam os espaços rurais, no sentido da atualização dos desafios e potencialidades [...]” WANDERLEY; FAVARETO, 2013, p. 45). Uma ruralidade como resultado da relação concreta e simbólica dos sujeitos no espaço, e que da sua constituição fazem parte elementos infraestruturais, assim como na maneira como os sujeitos vivenciam o espaço” (GUERIN, 2018).

Considerações finais

Em conformidade com os propósitos da investigação - de compreender como o grupo social da agricultura familiar de um rural do Sul do Brasil se relacionava com as tecnologias da comunicação no seu cotidiano -, orientamos o processo de pesquisa a partir das mediações tendo como chaves analíticas principais *espacialidade-temporalidade-tecnicidade*, categorizado pelas instâncias da *objetivação, apropriação e incorporação*. As mediações *mobilidade, ritualidade, socialidade e institucionalidade* complementaram o enfoque num olhar caleidoscópico da realidade.

Observamos que a relação com o tempo e o espaço demonstra uma riqueza proporcionada pelas múltiplas temporalidade e espacialidades que se delineiam, resultados do uso/construção do espaço

nas várias atividades desses sujeitos, que vão do trabalho, educação, lazer e ócio. O espaço natural (natureza) se confunde com o habitado (casa) e com o do trabalho (na lavoura), uma vez que os sujeitos das famílias investigadas vivem e trabalham nas propriedades rurais. A divisão do tempo entre o “uso” desses espaços está organizada no cotidiano desses sujeitos, muito embora se perceba que o tempo do trabalho extravasa os limites que em outros espaços (como no urbano) tende a ficar mais restrito a constrangimentos legais. Às tecnologias de comunicação cabe majoritariamente o tempo livre e de lazer, o que marca seus usos. Essa característica guarda relação com o tipo de ocupação profissional das famílias, o trabalho manual, cujo saber-fazer é a soma da tradição aprendida em família com as “instruções” fornecidas pelos técnicos das empresas de tabaco. As TICs são acessadas para formação geral ou profissional pelas novas gerações presentes nos lares, muito pela mediação da escola/Estado ou pelo mercado quando do caso dos sujeitos com outras ocupações (urbanas) além do trabalho na agricultura.

Sumarizando nossas conclusões, fortalecemos a compreensão da centralidade da tecnologia da comunicação na experiência cotidiana dos sujeitos, mesmo na realidade rural e num grupo aproximado às classes populares. E apontamos para um protagonismo desses sujeitos na relação com as TICs, embora tensionado permanentemente com suas condições reais de uso, que impõem limites técnicos e financeiros. O resultado aponta para a refuncionalização das tecnologias, na comparação com a promessa que a oferta das mesmas sugere.

No mesmo sentido, concordamos com Santos (1988, 1996) que os locais reagem ao movimento homogeneizador da globalização, empreendido especialmente pelo mercado. Em que pese o avanço da modernidade (tardia), os arranjos particulares de territórios e regiões insistem em desenhar espaços heterogêneos, frutos das condições históricas desses lugares e à lógica global do sistema.

Notas

- (1) O texto foi apresentado no XVI Congresso IBERCOM, Facultad de Comunicación y Lenguaje, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, em novembro de 2019.
- (2) Para fins deste estudo, compreende-se a Microrregião de Santa Cruz do Sul do Sul a partir de uma divisão administrativa vigente até 2017, estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), principal órgão de pesquisa brasileiro, ligado ao governo federal. Fazem parte 16 municípios. Neste texto, este recorte será chamado de região.
- (3) A pesquisa *Tecnologias de comunicação nas práticas cotidianas: O caso de famílias relacionadas à cadeia agroindustrial do tabaco* (Chamada Universal MCTI/CNPq n 14/2014), coordenada por Ana Carolina Escosteguy, esteve vinculada à PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) de 2014 até julho de 2017. A partir daí, passou, via processo junto ao CNPq, para a UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. A pesquisa contou com apoio da PUCRS e UNISC/Brasil, através de seus respectivos programas de bolsas de Iniciação Científica.
- (4) A agricultura familiar é uma categoria sociológica que contempla a produção agropecuária em pequenas propriedades por famílias, que dispõem quase que exclusivamente ou exclusivamente do trabalho familiar, com certa organização produtiva e social própria, ancorada na diversidade e numa certa relação com a natureza.
- (5) Esta pesquisa decida-se a investigar os três primeiros aspectos acima mencionados.
- (6) As famílias foram também informadas da possibilidade do acesso digital à obra, disponível em https://www.unisc.br/pt/home/editora/e-books?id_livro=485
- (7) O sistema de integração ocorre quando indústrias e agricultores/as firmam um contrato em que os agricultores se comprometem em produzir o tabaco na quantidade e de acordo com certas condições técnicas e vende-lo à indústria mediante preço estipulado por estas. Em troca, a empresa dá assistência técnica, insumos e transporte da produção (FELIPPI et al, 2019, p. 58).
- (8) A pesquisa mede a presença do equipamento e não da mídia, que pode ser acessada por distintos equipamentos, por conta do contexto de convergência tecnológica. O exemplo é o do rádio, que cujos índices da posse do equipamento tradicional caem, o que não indica a diminuição do seu acesso por outras plataformas.
- (9) Os dados correspondem ao período de coleta – 2014/2015. As famílias são identificadas pela letra inicial do sobrenome e os sujeitos das famílias pela(s) letra(s) inicial(is) do nome e sobrenome.

Referências

- Anuário Brasileiro Do Tabaco 2018. (2018). Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz. Disponível em http://www.editoragazeta.com.br/sitewp/wp-content/uploads/2018/12/TABACO_2018.pdf (último acesso em 25/10/2019).
- CETIC.BR – Centro de estudos sobre as tecnologias da informação e da comunicação. (2018). *TIC Domicílios*. Disponível em: http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_DOM (último acesso em 24/09/2019).
- Escosteguy, A. (2019). As tecnologias de informação e comunicação em perspectiva teórico-analítica. In: Escosteguy, A. et al. *As tecnologias da comunicação no cotidiano de famílias rurais: (Re)configurações de uma ruralidade*. Santa Cruz do Sul.

- EDUNISC. p. 15-31. Disponível em: https://www.unisc.br/pt/home/editora/e-books?id_livro=485 (último acesso em 12/09/2019).
- Felippi, Â. C. T.; Oliveira, V. G. de; Dornelles, M. (2019). O território em estudo: Microrregião de Santa Cruz do Sul e Vale do Sol. In: Escosteguy, A. et al. *As tecnologias da comunicação no cotidiano de famílias rurais: (Re)configurações de uma ruralidade*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. p. 53-74. Disponível em: https://www.unisc.br/pt/home/editora/e-books?id_livro=485 (último acesso em 22/10/2019)
- Felippi, Â. C. T. (2019). (Re)configurações de uma ruralidade por meio das TICs. In: Escosteguy, A. et al. *As tecnologias da comunicação no cotidiano de famílias rurais: (Re)configurações de uma ruralidade*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 182-191. Disponível em: https://www.unisc.br/pt/home/editora/e-books?id_livro=485 (último acesso em 22/10/2019)
- Guia Socioeconômico do Vale do Rio Pardo e Centro-Serra 2018. (2018) Santa Cruz do Sul: Gazeta. 58 p. Disponível em: file:///C:/Users/Mizael/Downloads/GUIA_2018_1928918d86a708dd24cb7c977ff84ec7.pdf (último acesso em 28/10/2018).
- Guerin, Y. S. (2017). *Múltiplos olhares, múltiplas mediações: as representações sociais da realidade entre os jovens rurais da microrregião de Santa Cruz do Sul, 2017*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul.
- Harvey, D. (1989). *A condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola.
- Harvey, D. (2015). O espaço como palavra-chave. *Em Pauta*, v. 13, n. 35, p. 126-152. Disponível em: [file:///C:/Users/user/Downloads/18625-60953-2-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/18625-60953-2-PB%20(2).pdf) (último acesso: 10/10/2018).
- IBGE. (2010). *Censo demográfico de 2010*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/inicial> (último acesso em 17/01/2018).
- IBGE-Cidades. (2019). *Brasil em síntese*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/vale-do-sol/panorama> (último acesso em 22/10/2019).
- Lopes, M. I. V. de. Mediação e recepção. (2014). Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *Matrizes*, vol 8. n 1, p. 65-80. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/matrizes> (último acesso: 26/10/2018).
- Lopes, M. I. V. de. (2018). Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. *Intexto*, vol. 43, set./dez. p. 14-23. Disponível em: [file:///C:/Users/Angela/Downloads/81160-349667-3-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Angela/Downloads/81160-349667-3-PB%20(2).pdf) (último acesso: 22/10/2019).
- Martín-Barbero, J. (2003). *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Martín-Barbero, J. (2009). Jesús Martín-Barbero: as formas mestiças da mídia. Entrevista com Jesús Martín-Barbero a Marlucci Moura. *Revista Pesquisa Fapesp*. São Paulo, n. 163, set, p. 10-15.
- Martín-Barbero, J. (2018). Dos meios às mediações: três introduções. *Matrizes*, v.12, n. 1, p. 9-31. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/145681/139737>> (último acesso: 26/12/2018).
- Neves, S.; Nogueira, C. (2005). Metodologias feministas: a reflexividade ao serviço da investigação nas ciências sociais. *Psicologia Reflexão e Crítica*, vol.18, n.3, p. 408-412. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000300015&script=sci_abstract&tlng=pt. (último acesso: 22/10/2019)
- Pecqueur, B. (2009). A guinada territorial da economia global. *Política & Sociedade Revista de Sociologia Política*, v. 8, n.14, p. 79-105. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewArticle/11615>> (último acesso: 05/11/2018)
- Quiroz, J.; Vélez, S. (2014). Tecnología y sociedad: una aproximación de los estudios sociales de la tecnología. *Revista CTS*, v. 9, n. 26, p. 129-144.
- Santos, M. (1988). *Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos Teórico e metodológico da Geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.
- Silverstone, R.; Hirsch, E.; Morley, D. (ed.). (1996). *Los efectos de la nueva comunicación – El consumo de la moderna tecnología en el hogar y en la familia*. Barcelona: Bosch. p. 39-57.
- Wanderley, M.; Favareto, A. (2013). A singularidade do rural brasileiro: implicações para as tipologias territoriais e a elaboração de políticas públicas. In Miranda, C.; Silva, H. (Org) *Concepções da ruralidade contemporânea: as singularidades brasileiras - Série Desenvolvimento Rural Sustentável* - Brasília: IICA, 2013; v. 21. Disponível em: <http://repiica.iica.int/DOCS/B3226P/B3226P.PDF>. (último acesso em: 01/03/2019).